

## Reverberações do cânone valorativo na crítica musical: experiências com Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band em 1967 e 2017

*Reverberations of the valuable canon in music criticism: experiences with Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band in 1967 and 2017*

### JORGE CARDOSO FILHO

Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e um dos líderes do Grupo de Estudos em Experiência Estética: Comunicação e Artes (GEEECA). Atua no Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação (TRACC), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA.

### CELINA ADRIANA BRANDÃO PEREIRA

Mestre em comunicação pelo programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

### RESUMO

O presente artigo analisa como funcionam os processos de avaliação da crítica musical em função de um distanciamento estético-temporal, seus modos de construir ou reverberar valores de obras artísticas e/ou objetos culturais. Assim, nos debruçamos sobre críticas musicais do álbum Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, da banda The Beatles, produzidas em 1967 e 2017. O disco é considerado icônico tanto para a cultura pop quanto para o gênero rock, de modo que interpretamos as transformações nos valores culturais associados à obra e demonstramos as marcas estéticas que emergem na relação com o álbum, originalmente lançado em 1967.

**Palavras-chave:** crítica musical, experiência, gênero rock

### ABSTRACT

This article analyzes how the evaluation processes of music criticism works in terms of an aesthetic-temporal distance, and its ways of constructing or reverberating values in artistic works and/or cultural objects. We observe music critiques of Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, The Beatles' album, produced in 1967 and 2017. The album is considered iconic for pop culture and the rock genre, so we interpret the transformations in the cultural values associated with the work and we demonstrate the aesthetic marks that emerge in the relationship with the album, originally released in 1967.

**Keywords:** *music criticism; experience; rock genre*

## INTRODUÇÃO - FOLLOW HER DOWN TO A BRIDGE BY A FOUNTAIN

Em 2017, quando o oitavo disco da banda britânica The Beatles, Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, celebrava o cinquentenário de seu lançamento, Paul McCartney estreou em Salvador, na sua sétima vinda ao Brasil. O interesse da pauta jornalística consistiu em saber se o músico reservava algo a dizer sobre o álbum que, reiteradamente, foi considerado pela crítica e público não apenas como um dos melhores discos de todos os tempos, mas também um marco fundamental de mudanças na indústria fonográfica e na forma de produzir e gravar canções. Em entrevista ao jornalista baiano Roberto Middlej por telefone, dias antes de aterrissar em Salvador, Paul McCartney comentou suas impressões sobre o álbum:

Há exatos 50 anos, Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band foi lançado e ainda hoje é apontado por muitos críticos como o maior álbum da história. E você, concorda com isso?

Sinceramente, não sei, porque depende do gosto de cada um. Mas esse foi um disco especial e revolucionário na época. E nós certamente nos divertimos criando aquele álbum porque liberamos a imaginação totalmente. A liberdade criativa que tivemos tornou aquele disco especial. Algumas pessoas talvez prefiram outros, mas é para mim um de meus álbuns especiais (MCCARTNEY in MIDDLEJ, 2017).

São atribuídas diversas denominações que visam enquadrar Sgt. Pepper em uma categoria de efeitos (a classificação da identidade sonora do álbum, por exemplo, que transita entre o art rock e pop psicodélico), reconhecidamente apontado como um marco de seu tempo – os “revolucionários” anos 60. Comparamos os valores que emergem na experiência com o álbum, em 1967, partir de um panorama da primeira recepção crítica do disco e meio século após o seu lançamento, em 2017, na crítica publicada pela revista Rolling Stone Brasil.

A partir de um movimento interpretativo amparado na Estética da Recepção (JAUSS, 1994), indicamos o conjunto de valores que nortearam os modos de experienciar o disco nestas situações distintas. A análise também considera as categorias dominante, residual e emergente (WILLIAMS, 1979; 1992) para compreender as dinâmicas de construção da crítica nas narrativas em torno de um disco já canonizado.

## EXPECTATIVAS SOBRE SGT. PEPPER EM 1967

Os escritos sobre Sgt. Pepper perpassam pela análise dos modos de criação, o aspecto conceitual e os elementos artísticos do disco, assim como o seu impacto sobre o universo da

música. A não unanimidade da crítica reflete a multiplicidade interpretativa possível em torno da experiência com o álbum.

Os primeiros olhares da crítica sobre Sgt. Pepper apresentam as expectativas em relação à obra e as primeiras avaliações sobre ela antes que o status de “obra-prima” fosse construído. No jogo com a experiência sempre há, por um lado, uma tradição anterior com a qual as expressões musicais precisam negociar e por outro, os aspectos singulares empregados naquela obra com a qual se está relacionando naquele momento. Esses textos, portanto, contribuem para identificar e discutir relevantes questões acerca da recepção e o horizonte de expectativas (JAUSS, 1994) que nortearam os modos como o disco foi recepcionado (com aceitação e estranhamento parciais).

Para traçar panorama de primeira recepção do álbum foram escolhidas críticas de publicações que em 1967 já despontavam como parte de uma imprensa musical semanal em surgimento (HEYLIN, 2012). Tratam-se de veículos que passavam a dedicar cada vez mais espaço à crítica de rock. Para contemplar a crítica musical institucionalizada da época, selecionamos argumentos das críticas de jornais de música ingleses de ampla circulação em 1967, como *Disc and Music Echo*, *Beat Instrumental* e *Record Mirror*. Elegemos também as críticas da revista inglesa *Gramophone*, tradicionalmente dedicada à música clássica, e do jornal norte-americano *The New York Times*, que também dedica espaço a crítica cultural.

Duas das críticas são anteriores ao lançamento mundial de Sgt. Pepper, mas já apontam questões relevantes sobre o processo de produção do disco e seu contexto: a da *Beat Instrumental* (abril de 1967) e da *Disc and Music Echo* (maio de 1967). Destacamos a forma como elas se referem ao modo de criar e fazer música adotado pelos Beatles, como por exemplo, o trabalho do produtor musical e dos engenheiros de som; o uso de objetos que não necessariamente são instrumentos musicais para obter sonoridades; o desempenho dos Beatles como músicos em estúdio; e visitas de outros artistas, o que demonstrava que o quarteto não trabalhava de forma isolada.

Além das informações que ajudam a vislumbrar características estéticas e sonoras da obra, destacamos dois argumentos acionados pela *Beat Instrumental* que se demonstram essenciais à realização de Sgt. Pepper: o poderio econômico da marca The Beatles, que possibilitou à banda tempo ilimitado em estúdio; e o fim dos shows e turnês, que de acordo com a revista, foi essencial para que os músicos se dedicassem exclusivamente ao processo criativo.

O jornal de música *Disc and Music Echo* foi responsável por duas críticas a Sgt. Pepper em 1967. A primeira delas (maio de 1967), anterior ao lançamento do disco, realizou uma análise prévia de todas as canções do álbum. Sob o título “Exclusivo da Disc! O primeiro jornal pop a oferecer aos seus leitores uma prévia completa, faixa por faixa, do fantástico álbum dos Beatles”, a publicação vendia a exclusividade da análise, dado o privilégio de acesso do jornal ao produto que o texto referencia como “obra prima de gênios” e “disco fantástico dos Beatles”: “Um novo

álbum dos Beatles é sempre esperado com ansiedade de tirar o fôlego. O que, alguém se pergunta, eles farão a seguir? Que novas dimensões no som e na música sairão das famosas cabeças desta vez?” (DISC, 1967, p. 2, tradução nossa). O texto fala em “novas dimensões do som e na música” que foram digeridas com certa estranheza pelo ouvinte, o que indica que neste trabalho, os Beatles teriam quebrado algum padrão do que se fazia em termos de música naquele momento.

O panorama de crítica “faixa a faixa” destacou principalmente os aspectos estéticos e musicais das canções, apontando o trabalho dos músicos e particularidades das sonoridades, além de lançar apostas para faixas favoritas do álbum. Esta crítica apresenta-se bastante otimista com o então novo trabalho dos Beatles, descrevendo-o como um disco alegre e que utiliza as sonoridades, instrumentos e técnica musical de forma inteligente. A leitura parece levar o futuro ouvinte do disco a esperar por um trabalho grandioso e cheio de elementos – alguns ainda incomuns, mas nem sempre inéditos para o gênero rock naquele momento.

Analisamos ainda quatro críticas posteriores ao lançamento do álbum: uma da própria Disc and Music Echo (junho de 1967), uma da revista britânica Gramophone, outra da Record Mirror e, por fim, do jornal The New York Times. De maneira geral, percebe-se um esforço avaliativo e interpretativo que tem por base não apenas a motivação mercadológica em trono do lançamento do disco, mas também a utilização de elementos de sonoridades, musicalidades e aspectos estéticos que norteiam a obra, a partir da experiência dos diversos críticos com ela, e da comparação com trabalhos anteriores da banda.

A Disc and Music Echo se propôs a apresentar um veredito sobre o álbum a partir de nove depoimentos de personalidades conhecidas no meio artístico e musical na época: o guitarrista do The Who, Pete Townshend; Eric Burdon, da banda The Animals; o arranjador e compositor Mike Leander (que produziu para Pepper a canção “She’s Leaving Home”); o ator e cantor Tom Jones; o locutor de rádio Chris Denning; o então guitarrista do The Yardbirds, Jeff Beck; o apresentador de rádio e televisão e também DJ, Simon Dee; Alan Blake, guitarrista da banda de rock The Tremeloes; e por fim, Ray Davies, guitarrista da banda The Kinks.

Os nove depoimentos indicam heterogeneidade de visões em torno do disco, denotando por um lado o reconhecimento da empreitada dos Beatles em fazer um álbum por outros caminhos técnicos, mas também algum estranhamento em relação a nova obra. O título provocativo da publicação, que brincava com o nome do álbum. “Was it worth the long wait or should we just take Sergeant Pepper with a pinch of salt?” traduzido como “A longa espera valeu a pena ou nós devemos apenas usar o Sargento Pimenta com um pouco de sal?”, já aparecia como um indício de que, segundo algumas opiniões, algo faltava na obra dos Beatles. Enquanto algumas falas vão no sentido de elogiar o empenho dos músicos e de perceber uma mudança na perspectiva de trabalho em estúdio a partir do disco, outras registram elementos de uma assimilação difícil

das sonoridades de Pepper, como demonstra a fala de Simon Dee: “O álbum é original – no verdadeiro sentido da palavra - e será preciso muitas audições antes que você possa se associar a ele (...)” (BEATLES LP, 1967, p. 20, tradução nossa).

A Gramophone deu o seu parecer sobre Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band partir da resenha de Peter James Clayton, apresentador da radio BBC e crítico de jazz. A maior parte da análise de Clayton é centrada nos elementos sonoros do disco. Há também a identificação de que em discos anteriores (Rubber Soul e Revolver), os Beatles já vinham tateando com o uso das novas sonoridades nas formas de trabalho para alcançar sons com estas características. O crítico, que de maneira geral faz uma avaliação positiva do disco, pontua o modo de trabalho dos músicos como o principal elemento que diferencia Pepper:

Há muitos artifícios eletrônicos no disco (os transistores estão realmente sobrecarregados na faixa que a BBC proibiu, “A Day in The Life”), mas isso não é o cerne da coisa. É a combinação de imaginação, bochecha e habilidade que fazem deste um LP tão recompensador (CLAYTON, 2017, tradução nossa).

A Record Mirror, revista periódica britânica que desde 1954 se dedicava à música pop, reservou o espaço de uma página inteira a Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band. Ao lado de uma “revisão faixa a faixa”, estava a apresentação do álbum nas palavras de seu produtor, George Martin. A fala do produtor é uma espécie de defesa ao trabalho e tempo de estúdio investidos em Pepper. Ao mesmo tempo em que evidencia que os Beatles buscavam sair de sua zona de conforto em suas gravações mais recentes, ele ainda demonstra uma certa preocupação comercial em relação aos novos trabalhos do quarteto.

A análise do disco dita “definitiva” é assinada pelo jornalista de música inglês Peter Jones. A tarefa delegada a Jones pela Record Mirror era a de ouvir o LP e conversar com os Beatles. A matéria aborda a polêmica em relação ao banimento da faixa “A Day in The Life” da rádio BBC londrina por uma possível associação da canção ao uso de substâncias psicoativa, além de indícios da temática lisérgica em outras canções.

No que diz respeito às sonoridades, a crítica pontua a identidade do som de Pepper com elementos mais conservadores, não obstante a implementação de novidades e experimentalismos no trabalho. Percebe-se que o texto evidencia uma série de elementos musicais, sonoros e literários que dizem respeito à experiência do crítico com o disco. E ainda que ele qualifique o álbum como “Irônico e inteligente, não TÃO inteligente, você entende”, o texto nos leva a interpretar que, no mínimo, Sgt. Pepper se trata de um produto completo bem sucedido e comercialmente pensado.

Por fim, na crítica do jornal The New York Times (junho de 1967), Richard Goldstein promoveu uma das análises mais negativas em torno do disco dos Beatles publicadas naquele ano. Além de citar a obra como uma colagem de elementos que soa confusa, o crítico aponta o

disco dos Beatles pela sua obsessão com o processo de produção. Para Goldstein, o excesso de experimentação e exploração de elementos sonoros em Pepper não foi suficiente para fazer dele um disco original – exceto talvez pela estrutura de álbum implementada por ele. Mesmo com uma avaliação rígida, Goldstein destaca a “A Day in The Life” como “(...) uma das composições mais importantes de Lennon-McCartney, e é um evento histórico de Pop”. Para ele, a banda prejudicou o processo criativo ao se afastar das turnês, conversando sozinha com a própria produção:

Que vergonha que “A Day In The Life” é apenas uma coda para uma coleção de trabalhos de outra forma indistinto. Precisamos dos Beatles, não como compositores enclausurados, mas como companheiros. E eles precisam de nós. Ao substituir a plateia pelo conservatório do estúdio, eles deixaram de ser artistas folk, e a mudança é o que torna seu novo álbum um monólogo (GOLDSTEIN, 1967, p. 24 D, tradução nossa).

As distintas críticas revelam que há experiências que se desenvolvem na relação com o disco que estão tensionando valores hegemônicos na música, modos de compor e gravar e mesmo aspectos poéticos e estilísticos dentro do rock. Ainda mais, revela as variadas expectativas do público na relação com os Beatles que fornecem substrato para as experiências posteriores (já informadas pela dinâmica experiência-expectativa). Em 2017, por exemplo, a Revista Rolling Stone Brasil, promove uma avaliação do disco visando compreender sua receptividade, 50 anos depois de seu lançamento, reiterando ou desestabilizando o seu valor canônico de obra notória do gênero cultural rock<sup>[1]</sup>.

## “PEDRA FUNDAMENTAL” - AS VALORAÇÕES NA CRÍTICA DA ROLLING STONE BRASIL, 2017

A Rolling Stone Brasil de 2017, além de trazer textos de um jornalista brasileiro, traduz conteúdos da edição norte-americana lançada na mesma ocasião. A revista, que estava em atividade no Brasil oficialmente desde 2006, encerrou a publicação de sua edição mensal impressa em 2018, passando a direcionar suas atividades ao site oficial e à publicação eventual de edições especiais. Em 2017, quando era considerada umas das principais publicações nacionais do mercado dedicada primordialmente à música, destinou quatro páginas da sua edição 130 a uma análise de Sgt. Pepper, que completava 50 anos. Isso nos permitiu avaliar as releituras críticas do álbum produzidas por jornalistas brasileiros e avaliar em que medida as experiências com o disco são também globais.

A crítica é composta por três textos. “Pedra Fundamental” e “A Explosão da Contracultura” realizam uma leitura de característica mais histórica, narrando o percurso dos Beatles e do gênero rock até aquela época, assim como os acontecimentos históricos e culturais relevantes que compunham o cenário de 1967. Já o texto “Nova Viagem a Pepperland” contempla aspectos estéticos e mercadológicos dos novos produtos em torno de Pepper e seus distintos formatos.

Paulo Cavalcanti é o jornalista responsável pelos textos de caráter mais histórico. Logo nas linhas iniciais, ele apresenta Pepper enquanto uma obra grandiosa. O subtítulo já demarca sua interpretação de como se deu a reverberação cânone do disco, que enquanto “pedra fundamental”, foi e permanece como “o nº 1”. Esta posição ocupada por Sgt. Pepper é referendada pela lista da própria Rolling Stone dos 500 maiores discos de todos os tempos, mas o texto deixa subentendido que existe uma certa concordância nesse sentido, sem evidenciar, entretanto, quem seriam as outras vozes que elegeram também o oitavo álbum dos Beatles como o maior entre todos os trabalhos até então gravados.

Conforme indicam os estudos e Appen e Doehring (2006), as listas são uma influente forma de promover o lugar canônico de obras, retirando aqueles discos que não passam no teste do tempo. Esta lista mais recente de melhores discos de todos os tempos da Rolling Stone (que mesmo atualizada em 2012 manteve Sgt. Pepper em primeiro lugar), aparece como indício de que o disco, em alguma medida, tem resistido a este atravessamento temporal, não obstante as constantes configurações e reconfigurações do rock enquanto um gênero midiático (JANOTTI JR, 2003) e cultural (MITTELL, 2004). Em outras críticas sobre o disco é comum ver o acionamento das listas de melhores discos/ melhores trabalhos do rock pelos críticos no intuito de pautar a dimensão valorativa que ele adquiriu enquanto obra.

É possível perceber que muitos dos argumentos acionados por Cavalcanti nesse texto dizem respeito a uma leitura histórica (JAUSS, 2002), que ajuda o crítico a indicar um alcance cultural mais amplo do disco, considerado, nas palavras dele, “um divisor de águas não apenas na carreira dos Beatles mas também dentro da cultura pop ocidental”. Pode-se dizer que o esforço de leitura histórica do crítico auxilia a esboçar o horizonte de expectativas da obra e o horizonte de sua recepção. Com apoio das leituras estética e interpretativa (JAUSS 2002), Cavalcanti demarca a obra como um evento importante para “a linha do tempo da história da humanidade”, e como um marco de seu tempo. “Pedra fundamental”, portanto, conforme o título consegue ilustrar, referenda a relevância histórica do disco e o posicionamento valorativo de obra-prima alcançado até ali, mas também cuida de rememorar as práticas do gênero rock, no contexto de 1967.

Em “A Explosão da Contracultura”, Cavalcanti constrói interpretativamente o papel *de Sgt. Pepper* no contexto de acontecimentos sociais e culturais de 1967 (como o movimento contracultural, o Verão do Amor e os festivais de música da época), narrando como as personalidades e membros

da cena musical se engajaram nestes eventos e em movimentos posteriores. Não obstante o papel de diversos outros atores da música e das artes, Cavalcanti sentencia que, através de Pepper, os Beatles promoveram uma condução determinante na contracultura através de sua música:

Em maio, o cantor Scott McKenzie lançou a canção “San Francisco (Be Sure to Wear Flowers in Your Hair)”, escrita por John Philips, do grupo The Mamas and the Papas. Era um convite sedutor, uma poderosa propaganda para o vindouro Verão do Amor. O Single vendeu mais de 7 milhões de cópias e se tornou o hino definitivo da era hippie. Mas quando os Beatles lançaram Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band, no dia 1º de junho, a contracultura ganhava mais do que um hino, ganhava uma declaração de princípios” (CAVALCANTI, 2017, p. 65).

O modo como os movimentos da juventude são apresentados por Cavalcanti auxiliam a vislumbrar como, ao menos no contexto contracultural, o som promovido em Pepper funcionava em consonância com o horizonte de expectativas social da época sendo, desse modo, descrito como documento daqueles tempos. Ainda que existam outros eventos que marcaram o Verão do Amor e uma série de artistas consagrados como ícones da época (como Jimi Hendrix, The Who, Janis Joplin, Otis Redding, Jeferson Airplane, The Mamas and The Papas, The Byrds, Buffalo Springfield, Johnny Rivers e The Association), é aos Beatles que Cavalcanti atribui a “carta de princípios” do cenário contracultural que foi o “apogeu do movimento hippie”.

Os textos de Cavalcanti auxiliam a reiterar o cânone valorativo de Pepper enquanto obra-prima, a partir do lugar que o disco ocupou em relação ao contexto passado do rock, das artes, e da cultura pop. A construção argumentativa feita por Cavalcanti não carrega nenhum elemento de não recepção ou estranhamento de Sgt. Pepper.

“Nova Viagem a Pepperland”, versão editada e traduzida da crítica do jornalista norte-americano Mikal Gilmore para o site da Rolling Stone norte-americana, foi publicada nas páginas da publicação especial da Rolling Stone Brasil. Gilmore conta sobre o trabalho de Giles Martin, filho do produtor original do disco, George Martin, para a versão expandida de Pepper produzida especialmente para lançamento em seu 50º aniversário, num relançamento que contemplava diversos formatos: CD simples, disco duplo, box com CD e dois DVDs e vinil duplo. Este lançamento em diferentes versões já demonstra como o produto celebrativo havia sido pensado para contemplar os mais diversos ouvintes da obra, oferecendo ao público de interesse uma diversidade de possibilidades com aquilo que é construído na crítica como uma experiência diversa com uma obra clássica, mas que suscita elementos de novidade. Pode-se dizer que estas diferentes mídias vão implicar em diferentes maneiras de relação sociocultural-estética com a música (FRITH apud CARDOSO FILHO, 2013, p. 31).

É possível perceber que as novas versões de Pepper visam agradar públicos distintos, incluindo os fãs mais antigos (que podem ser contemplados com “versões alternativas das faixas

clássicas”), colecionadores (uma vez que há conteúdo estendido e vídeos), audiófilos do rock – que se agradam por uma escuta de som de ampla qualidade e fidelidade (CARDOSO FILHO, 2013, p. 104). Compreendemos que a presença desse texto na publicação da Rolling Stone se dá também por uma articulação da própria crítica institucionalizada com o mercado fonográfico, uma vez que existe interesse do público nacional em Sgt. Pepper. Deste modo, contempla-se a oferta de práticas de escuta distintas que vão produzir inúmeras mobilizações mercadológicas em torno de uma obra cinquentenária, pensando inclusive na diversidade de público possível (incluindo antigos ouvintes dos Beatles buscando uma nova experiência com a obra e novos ouvintes da banda que agora podem conhecer o disco que Giles nomeia “indiscutível obra-prima”, nas diversas modalidades de práticas de escuta possíveis).

Especificamente sobre o rock como gênero cultural, o lançamento de Sgt. Pepper em diversos formatos indica a permanência do álbum enquanto formato cultural (JANOTTI apud GUMES, 2011), que ainda se faz presente em 2017, quando o gênero já vinha sendo reiteradamente apontado por sofrer uma crise de produção, público e mercado, dadas as disputas com outros gêneros musicais e a ampla segmentação de seu público e seus artistas.

A crítica de Mikal Gilmore, ao considerar aspectos estéticos que se sobressaem nos novos formatos comerciais de Sgt. Pepper em 2017, aponta a dimensão de uma nova experiência possível com a obra. Além de recordar a notoriedade do disco, Gilmore avalia que Giles Martin consegue construir “algo completamente novo”, ao mesmo tempo que “honra o legado” do “impecável trabalho do pai nos anos 1960”, na remixagem de Pepper.

Essa ambição revisionista poderia parecer meio arriscada. Afinal, Sgt. Pepper é considerado o momento supremo do rock e um trabalho essencial para entender a tal mística dos anos 1960 – um exemplo de como aquela geração forjou novas ideias. Mas este novo Sgt. Pepper revela maravilhas, particularmente na remixagem em estéreo. Em 1967, a versão mono era o foco e George Martin se esforçou muito para criá-la. Para Giles, a mixagem estéreo era apenas uma exigência do mercado. Mesmo assim, foi com ela que as pessoas se familiarizaram ao longo dos anos. Giles queria nesta nova versão um efeito “mono 3D” – e ele conseguiu. O álbum agora salta dos altos falantes: o som é afiado, vivo e ressonante (GILMORE, 2017, p. 63).

Ao salientar diferenças estéticas e elementos sonoros elogiáveis que aparecem na versão de Giles para Sgt. Pepper, Gilmore mobiliza as leituras interpretativa e estética para avaliar a qualidade dos novos produtos em torno do álbum, sempre reiterando a obra original como “momento supremo do rock”, o que demarca também relações distintas com o gênero cultural em questão considerando as temporalidades.

Percebe-se que o crítico mobiliza elementos de primeira leitura (JAUSS, 2002), ao salientar as diferenças estéticas e os elementos de apreciação sonora que aparecem na versão de Giles,

ao mesmo tempo que, numa leitura interpretativa, avalia a qualidade deste novo trabalho, reiterando concomitantemente a obra original como “momento supremo do rock”.

Considerando o Sgt. Pepper lançado em 1967 (nas versões mono e estéreo), a novidade destacada por Gilmore na crítica diz respeito ao efeito “mono 3D” onde as canções já conhecidas ganham nuances distintas de percepção, conforme a interpretação de Gilmore: “A batida de Ringo Starr, que é a força propulsora de ‘Lucy in the Sky with Diamonds’, ganha gravidade e torna a faixa ainda mais alucinógena; ‘Getting Better’ tem realçada uma agressividade que trai a mensagem do título” (GILMORE, 2017, p. 63). Já num sentido oposto ao da novidade, os discos novos possibilitam, através dos extras, ouvir as “origens” de muitas das canções, ainda antes de a banda adicionar efeitos de estúdio (e aqui, diferente da obra original, é oferecido ao ouvinte uma experiência de escuta da obra ainda crua, aproximando-o do processo de produção dos Beatles).

“(…) Independente da lógica em que determinada obra era produzida, era legítimo explorar suas repercussões sociais, seus significados e experiências produzidas” (CARDOSO FILHO, 2013, p. 26). Esses novos significados e novas experiências possíveis são os argumentos que Gilmore trabalha para mobilizar no leitor o interesse por uma escuta atualizada do disco. O texto é construído no sentido de agregar ao cânone um elemento de atualização, ao evidenciar que Pepper ainda é capaz de gerar experiências novas e diferentes daquelas que ocorreram com a obra em outros contextos. O crítico, portanto, constrói seu argumento sobre as possibilidades de novas experiências com o disco que os lançamentos de 2017 convocam.

De maneira geral, é possível dizer que os três textos que compõem a publicação especial da Rolling Stone Brasil se valem do episódio celebrativo para convocar elementos de experiência com Sgt. Pepper, (seja no passado ou no presente), de forma a contribuir com um quadro que não apenas reverbera o cânone do disco enquanto obra de difícil desestabilização de sua posição de “pedra fundamental”. Gilmore, privilegia, a partir da dimensão de sua experiência, o desejo dos novos ou velhos ouvintes visitarem ou revisitarem Pepper, indo além da mera reiteração do lugar valorativo já alcançado pelo disco e contribuindo para dar visibilidade ao mercado fonográfico a partir da oferta destes novos produtos. Conforme Gumes (2011, p.40-41) nos leva a considerar ao dizer que “(…) não basta ao gênero uma classificação de ritmo, melodia e harmonia, mas a circulação e a forma como esta música é produzida são aspectos que dão sentido e valor às canções”, os novos formatos de Sgt. Pepper podem revelar novas formas de sentir, perceber e de se relacionar com o disco.

## VALORES EM DISPUTA

Aparentemente, os Estudos Culturais, em suas origens, precisaram negar a preocupação com uma reflexão estética em seu projeto constitutivo, em função de uma ambição desta em estabelecer valores universais, a-históricos e transcendentais à arte, tomada como uma atividade superior apartada da vida cotidiana. Ao tomar como função principal a desestruturação da “autoridade” do crítico cultural (no sentido estético), os estudos culturais acabaram tratando a reflexão estética como um discurso político, que mais contribuía para o estabelecimento de distinções sociais e relações de poder que para a elucidação de qualidades nos materiais expressivos:

Os estudos culturais se desenvolveram na Inglaterra do pós-guerra como uma resposta direta às concepções defensivas (idealizadas? Utópicas? Mitificadas?) de *arte, cultura e estética*, em circulação desde o século XVIII. Enaltecidos, não raro, por imponentes iniciais maiúsculas, os três vocábulos passaram a designar – no transcurso de uma trajetória histórica inter-relacionada – domínios superiores da vida humana, com suas habitualidades especializadas e seus próprios princípios internos, alegadamente desassociados dos parâmetros do mercado. (FREIRE FILHO, 2010, p. 110. Grifos no original).

Raymond Williams (1992) surge nesse debate como um estudioso que reivindicou uma reflexão estética menos formalista e mais próxima da vida cotidiana, uma vez que, para o autor, somente dessa forma a estética poderia escapar da armadilha de reforçar certos preconceitos sociais, gostos e sensibilidades e permitir a emergência de aspectos transformadores nas práticas culturais. Vale-se destacar um aspecto diacrônico que perpassa a análise de Williams para identificação dessas formas alternativas ao dado já consolidado culturalmente. É importante destacar que há aqui tanto um aspecto ético, no sentido de um direcionamento para as condutas em sociedade, quanto uma dimensão estética, uma espécie de sensibilidade comunitária, com as quais os variados atores do processo acabam negociando. São tratados enquanto fenômenos estético-políticos.

Sinalizamos aqui como os argumentos críticos aparecem se conformando com as categorias de Williams de dominante, residual e emergente, num sentido de compreender as dinâmicas de construção da crítica nas narrativas em torno de uma obra valorativamente canonizada. O dominante se refere àqueles elementos da experiência que remetem diretamente ao campo do hegemônico numa determinada prática cultural – por isso mesmo, remete às convencionalidades, ao instituído. O residual é uma categoria que busca dar conta de elementos da experiência passada, mas que permanecem presentes na experiência contemporânea com alguma força (demonstrando que esses elementos foram dominantes em uma outra conjuntura). Finalmente, o emergente diz respeito aos elementos da experiência que resistem e (re)significam aspectos da prática cultural dominante, de modo que apontam para possibilidade de construções de outras hegemonias (alternativas).

Quanto aos valores em consonância com a categoria do dominante, que ainda permanecem não obstante a passagem de tempo, certamente a força, grandiosidade e relevância do quarteto britânico The Beatles é um dos elementos nas construções críticas que mais reaparece. Mesmo nas publicações datadas de 1967 (e mesmo quando este fator se mostra nelas para questionar os feitos estéticos alcançados pela obra), o já significativo lugar alcançado pela banda aparece como algo referendado, instituído e até mesmo determinante para estimular interesse por Sgt. Pepper, ou corroborar com o seu sentido de obra valiosa e diferenciada. Também nos aparece como argumento do campo hegemônico aquele que reitera a noção do disco enquanto retrato de uma época frutífera e criativa.

As construções críticas ligadas à categoria residual, que foram dominantes em um momento anterior mas que agora aparecem ativos nas críticas presentes, mas não com a mesma força do dominante, no nosso entendimento, dizem respeito aos aspectos estéticos e musicais das canções e do rock – que pareciam ter uma relevância muito maior neste tipo de publicação nos anos iniciais do que nas críticas mais contemporâneas. Isto porque percebemos que cada vez menos as publicações celebrativas se preocupam com uma análise da obra pelas suas características artísticas e que é crescente a reafirmação do lugar de importância por ela já alcançado, por uma série de quesitos outros que tangem uma notoriedade histórica e cultural do disco (e da banda) construída com a passagem das décadas.

Na categoria do emergente, destacamos e centralizamos os modos como a crítica ressignifica a ideia de novidade em cada contexto no qual fala. Se nas críticas mais próximas ao lançamento, a noção de novo estava mais vinculada às noções de ruptura e autenticidade em relação ao horizonte de expectativa do lançamento original de Pepper, em décadas posteriores esta noção de novo é atualizada, seja pelos modos como formatos industriais distintos e novas modalidades de escuta permitem identificar e encontrar elementos de frescor na obra, seja para justificar que ela ainda pode suscitar novas modalidades de experiência. O modo como estas três categorias se relacionam, na nossa análise, contribuem para fortalecer a noção de Pepper enquanto obra-prima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar do disco enquanto ícone do gênero rock é reverberado na crítica da Rolling Stone de 2017 quando os elementos textuais apontam para novas experiências possíveis com o disco, a partir da remixagem realizada para as edições comemorativas. O elemento da novidade, que nos

parece um valor caro ao gênero cultural rock em marcos temporais distintos, convida todos a ter uma experiência com Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band em 2017: fãs, ouvintes iniciados em Beatles ou mesmo um público completamente novo.

O mesmo produto que convoca a novidade, "honra o legado" do cânone The Beatles e da obra-prima Sgt. Pepper. Conforme é possível destacar da nossa análise da crítica a partir das categorias de Williams, boa parte do texto é construído de modo a desmarcar o lugar de obra-prima do disco como um marco do seu tempo, sem tensionar ou trazer elementos de estranhamento ou de rejeição das suas sonoridades. Enquanto nas críticas de 1967 o valor de autenticidade e ruptura para o gênero rock são mais convocados, a crítica de 2017 analisada reforça o valor da obra ao mesmo tempo que oferta modos de escuta que podem possibilitar uma experiência inédita.

Consideramos que as críticas musicais são importantes documentos que apontam valores culturais, assim como nos permitem observar fenômenos da cultura e suas implicações estéticas. As marcas estéticas de Sgt. Pepper evidenciadas a partir de uma experiência contemporânea com a obra na crítica da Rolling Stone se apresentam enquanto expressões que reverberam o seu lugar canônico, e apontam que as mudanças nas formas de experienciar o álbum (outras práticas de escuta e consumo musical) conseguem ainda proporcionar experiências novas, mesmo com um disco de mais de 50 anos de história.

Entendemos gênero como categoria cultural a partir da extensão das ideias desenvolvidas por Jason Mittell (2004) para gêneros televisivos. Observar o rock enquanto gênero cultural, nesse sentido, pressupõe a observação de atravessamentos sócio-culturais em contextos temporais e contextuais diversos. Conforme o autor preceitua, os gêneros categorizam textos e os vinculam a conjuntos de pressupostos culturais, através de discursos de definição, interpretação e avaliação (onde incluímos o discurso da crítica musical). Assim, os significados e valores culturais do gênero rock são melhor compreendidos quando se leva em consideração seu contínuo processo histórico de formação das categorias. Consideramos ainda o rock como gênero midiático a partir de Jeder Janotti Jr., o que enseja considerar como diferentes entrelaçamento culturais, especificidades de condições de produção e reconhecimento do rock vão se articular na expressão das identidades (JANOTTI JR, 2003, p. 13-14).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPEN, Ralf von; DOEHRING, Andre. *Never Mind The Beatles, here's Exile 61 and Nico: 'The Top 100 Records of All Time' – a canon of pop and rock albums from a sociological and aesthetic perspective*. In *Popular Music*, vol. 25/1, p. 21-39. United Kingdom, Cambridge University Press, 2006.

BEATLES New L.P.: *Most expensive ever produced?*. Beat Instrumental, Londres, 2 abr. 1967.

CARDOSO FILHO, Jorge; AZEVEDO, Dilvan Passos. *Do argumento à sedução: dimensões (est)éticas da crítica*. In: 22 Encontro Anual da COMPÓS, 2013, Salvador. Anais da 22 COMPÓS, 2013.

CARDOSO FILHO, Jorge. *Práticas da escuta do Rock: Experiência estética, mediações e materialidades da comunicação*. Salvador: EDUFBA, 2013.

\_\_\_\_\_. *Disputas de valor na Música Popular Massiva: Política, Estética e Cultura*. Revista Perspectiva Histórica, Nº6., julho/dezembro de 2015.

CAVALCANTI, Paulo. *Pedra Fundamental*. Rolling Stone Brasil, ed. 130. São Paulo: Spring, 2017a.

\_\_\_\_\_, Paulo. *A Explosão da Contracultura*. Rolling Stone Brasil, ed. 130. São Paulo: Spring, 2017b.

CLAYTON, Peter. *Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band (original Gramophone review from 1967)*. Londres, 1 jun. 2017. Disponível em:

<<https://www.gramophone.co.uk/feature/sgt-peppers-lonely-hearts-club-band-gramophone-review-1967>> Acesso em: 15 jun. 2018.

DISC Exclusive! The first pop paper to give its readers a full track-by-track preview of the – Fantastic Beatles Album. *Disc and Music Echo*. Londres, p. 2, 20 maio 1967. Disponível em: <<https://www.gramophone.co.uk/feature/sgt-peppers-lonely-hearts-club-band-gramophone-review-1967>> Acesso em: 15 jun. 2018.

FREIRE FILHO, João. *Os estudos culturais e os deslocamentos do domínio estético*. In:

FRITH, Simon. *Performing rites: on the value of popular music*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

JANOTTI JR., Jedder. *Aumenta que isso aí é Rock And Roll*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

GILMORE, Mikal. *Nova viagem a Pepperland*. Rolling Stone Brasil, ed. 130. São Paulo: Spring, 2017.

GUIMARÃES *et all (org.)*. *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 105-127.

GOLDSTEIN, Richard. *We Still Need Beatles, but...* The New York Times, Londres, p. 24 D, 18 jun. 1967. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/06/01/arts/music/archives-beatles-sgt-peppers-lonely-hearts-club-band-review.html>>. Acesso em: 20 jan. 2019

GOMES, Itania. *Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento*. In: GOMES, Itania & Janotti Júnior, Jeder (Org). *Comunicação e Estudos Culturais*. Salvador: EDUFBA, 2011a, p. 29 – 48.

\_\_\_\_\_. *Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero*. Revista FAMECOS, v. 18, n. 01, 2011b, p. 111-130.

GUMES, Nadja Vladi Cardoso. *O Admirável mundo da tecnologia musical - Do fonógrafo ao MP3, a funcionalidade do gênero para a comunicação da música*. Ciberlegenda (UFF. Online), v. 2, p. 37-49, 2011.

HEYLIN, Clinton. *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band: um ano na vida dos Beatles e amigos*. Tradução Patrícia De Cia e Marcelo Orozco. 2a Edição, São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2012.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78p.

\_\_\_\_\_. *O texto poético na mudança de horizonte de leitura*. In LIMA, Luiz Costa (org). *Teoria da Literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 873-926.

JONES, Peter. *Track-by-track in depth reviven*. Record Mirror, Londres, p. 3, 27 maio 1967.

MARTIN, George. *Beatles recording manager George Martin talks about their most ambitious LP*. Record Mirror, Londres, p. 3, 27 maio 1967.

MIDLEJ, Roberto. *"Mande meu amor para a plateia de Salvador", diz Paul McCartney ao CORREIO*". CORREIO 23 set 2017. Entrevista concedida a Roberto Midlej. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mande-meu-amor-para-a-plateia-de-salvador-diz-paul-mccartney-ao-correio/>> Acesso em 25 de setembro de 2017.

MITTELL, Jason. *Genre and Television: From Cop Shows to Cartoons in American Culture*. New York: Routledge, 2004.

PEREIRA, Celina Adriana. *It was 50 years ago today: análise da reverberação do cânone Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band através da crítica musical*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, p. 198. 2019.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.